



LUIZ ANTÔNIO ALVES BARBOSA

**O PROBLEMA DA FELICIDADE EM AGOSTINHO DE
HIPONA**

LAVRAS - MG

2023

LUIZ ANTÔNIO ALVES BARBOSA

O PROBLEMA DA FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do
Curso de Filosofia, para a
obtenção do título de Licenciado

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama

Orientador

LAVRAS - MG

2023

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais, a minha namorada, todos meus amigos que me ajudaram e em especial ao meu orientador Luiz Roberto Takayama, obrigado por tudo.

LUIZ ANTÔNIO ALVES BARBOSA

O PROBLEMA DA FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

THE PROBLEM OF HAPPINESS IN AUGUSTINE OF HIPPO

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do
Curso de Filosofia, para a
obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em ____ de _____ de 2023

Dr. _____ UFLA

Dr. _____ UFLA

Dr^a _____ UFLA

prof. Dr. Luiz Roberto Takayama

Orientador

LAVRAS – MG

2023

SUMÁRIO

MONOGRAFIA	7
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – O discurso sobre a felicidade em Agostinho.....	12
A ética Agostiniana.....	14
O método racional e o homem lançado no mundo.....	15
Alegoria da Navegação.....	16
Primeiro dia do diálogo	19
Segundo dia do diálogo	24
Terceiro dia do diálogo	27
CAPÍTULO 2 – Discussões sobre a vida feliz	32
Apresentação de Argumentos	32
Verdade e Felicidade.....	34
Questão da Verdade e a Felicidade no Contra Acadêmicos	37
O Summum Bonum	37
O homem feliz	41
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS.....	47
PLANO DE CURSO.....	48
INTRODUÇÃO	48
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	48
METODOLOGIA	48
ROTEIRO DE AULAS	48

RESUMO

Agostinho apresenta uma reflexão sobre a natureza da felicidade e sobre os meios para alcançá-la. Sendo que, a felicidade verdadeira só pode ser encontrada através da busca do conhecimento e por Deus e da virtude cristã. A dissertação também destaca a influência de filósofos antigos, como Platão e Cícero, na obra de Agostinho.

O livro apresenta um diálogo entre Adeodato, Evódio e Agostinho, onde os personagens levantam diversas questões a respeito do tema da felicidade e buscam encontrar respostas que possam trazer a verdadeira realização. Ao longo do livro, são abordados diferentes aspectos da felicidade, como a relação entre felicidade e virtude, a busca pela verdade e o papel da alma humana na conquista da felicidade. Agostinho, um dos protagonistas do diálogo, expõe suas ideias e experiências pessoais para contribuir com a discussão. Ele relata sua trajetória de vida, suas buscas e descobertas, e como sua conversão ao cristianismo trouxe sentido e plenitude a sua existência. Agostinho destaca que a verdadeira felicidade não se encontra nas coisas materiais ou prazeres passageiros, mas sim na busca pelo divino, na contemplação de Deus e no amor ao próximo.

Durante o diálogo, os personagens discutem também as diferentes filosofias e pensamentos da época, como o estoicismo, o platonismo e o neoplatonismo, em busca de respostas para suas indagações sobre a felicidade. Agostinho defende que a felicidade é algo supremo e inatingível sem a presença de Deus, e que apenas através da fé e da busca espiritual é possível alcançá-la.

É uma reflexão profunda sobre os anseios e desejos humanos, mostrando que a verdadeira felicidade é uma busca constante e individual, que vai além das satisfações momentâneas e materiais. Agostinho destaca ainda a importância da virtude e do aperfeiçoamento moral como caminhos para a felicidade, além da necessidade de conhecer a si mesmo para alcançar uma vida plena e satisfatória.

Palavras-chave: Agostinho. Felicidade. Verdade. Summum bonum. Deus.

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Nos escritos da *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze, Agostinho de Hipona é comparado com o sol que resplandece o próprio brilho de Deus. Em Tagaste, que se localizava em Númídia na África, atual Souk-Ahroz na Argélia, no dia 13 de novembro de 354, Aurelius Augustinus vinha ao mundo.

Sua mãe chamava-se Mônica, uma mulher devota e com grande personalidade cristã, que teve grande importância na vida de Agostinho; tanto que ele a enaltece por ter tantas virtudes. Desde criança, ela já se mostrava a seus pais como uma mulher de fé e respeitosa com sua devoção; ao se casar, foi uma esposa que transbordava em si uma caridade; mesmo seu marido sendo pagão ela tinha uma relação com paciência e tranquilidade para manter o clima sereno entre seus familiares.

Uma de suas grandes virtudes era a facilidade com que tratava os assuntos indelicados e confusos. Buscava sempre a paz e a serenidade nos meios familiares pelo cristianismo; pelo seu exemplo, atraiu diversas pessoas para o evangelho cristão.

Seus filhos quando ainda crianças, Mônica já os instrua ao caminho da fé; Návio e Agostinho tiveram sua conversão mais tardia como descreve Agostinho nas *Confissões*, lamentando-se por não ter sido batizado em sua juventude; já Perpétua, sua irmã, sempre buscou o caminho da fé junto à mãe.

Seu pai Patrício tinha uma vida diferente. Não tinha fé, vivendo de maneira pagã; ele o ensinou a viver no mundo pagão e ter uma ambição de conseguir um bom lugar na comunidade.

Por ter uma condição financeira modesta, ele buscou sempre o melhor para seus filhos; com uma boa formação intelectual, teve a ajuda de seu amigo Romaniano, que possuía uma vida financeira confortável, dono de diversos bens.

Apesar de seu orgulho e de sua ignorância, seu pai teve grande importância em sua vida, pois para se ter uma vida acadêmica exitosa de estudos da cultura Greco-Romana, era necessária uma ajuda nos custos e seu pai lutou por isso.

Aos seus 11 anos, ele foi para Madaura que era o centro intelectual de seu tempo. Com suas leituras de Cícero, Sêneca, Terêncio, ele estudava a explicação de textos, o entendimento gramatical e literário e a retórica. Com 16 anos, ele foi para Cartago com objetivo de estudar uma graduação superior; foi um momento em sua vida que ele viveu várias paixões desordenadas e passou por momentos nos quais a dúvida o dominava. Caindo no pensamento maniqueísta, que afirmava que Jesus Cristo era apenas uma imagem no mundo e negava a sua ressurreição, neste pensamento ele ficou por nove anos até reconhecer seu erro. Embora Agostinho vivesse em plena desordem, ele se concentrava em seus estudos como o direito, pois sua retórica e o modo que ele argumentava eram feitos com grande facilidade.

Foi em Cartago, aos seus 19 anos, que ele leu uma obra chamada *Hortensius* de Cícero, para muitos um divisor de águas em sua vida. Depois dessa leitura, ele passa a buscar a verdadeira sabedoria que o levou até o cristianismo em um momento mais tarde de sua vida. Ele descrevia essa obra como um despertar, a negação da vaidade mundana e a busca pela filosofia. Logo após viver diversos anos em Cartago, ele se muda para a cidade de Roma. O prefeito de Roma, Símaco, procurava um professor de retórica e Ambrósio, o bispo da cidade, indicou Agostinho para esse cargo; foi o início de um relação virtuosa de amizade, sabedoria e respeito.

A conversão de Agostinho acontece em Roma quando foi ouvir Ambrósio, que era um dos grandes oradores da época, e nessa experiência de aprender com as pregações, ele vê um homem que interpretava o *Antigo Testamento* e fazia uma conexão com Cristo e suas obras do *Novo Testamento*.

Dado isso, ele começa a estudar a *Epístola de Paulo aos romanos*. No meio de um retiro ele joga esse texto numa figueira e começa a repetir a seguinte frase: “se isso é verdade porque Deus não me transforma agora?” E, ao falar isso diversas vezes, ele escuta uma criança dizendo “pega e leia”; abrindo o texto de forma aleatória, ele lê o verso 13 do capítulo 13 e, ao fazer isso, afirma que sua alma foi banhada:

Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia: nada de orgias, nada de bebedeira; nada de desonestidades nem dissoluções; nada de contendas, nada de ciúmes.

Ao contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não façais caso da carne nem lhe satisfaçais aos apetites. (Romanos 13:13-14)

Logo após sua conversão, isolou-se em Cassiciaco, uma aldeia no norte da Itália, onde lhe foi oferecida uma chácara pelo senhor Verecundo, lugar que teve muita importância em sua vida, pois foi onde ficou por alguns anos depois de sua conversão junto a sua mãe e a seus amigos. Ao longo desse tempo, ele escreveu quatro obras que tinham o seu método de perguntas e respostas, no qual o instrutor ou professor dialoga com seus alunos expondo seus pensamentos e argumentos.

O primeiro livro escrito foi o *Contra Acadêmicos*, no qual argumentava que o homem sábio não devia sustentar nada por certo, pois tudo aquilo que é incerto é desconhecido. O segundo livro foi *Sobre a Vida Beata*, no qual investiga sobre a verdadeira felicidade, se de fato a felicidade existe e quem poderia ser feliz, afirmando que a felicidade está na consistência de pensar em Deus. O terceiro livro foi o *Sobre a Ordem*, que tem como seu objetivo de pesquisa tudo que é bom e ruim, sendo que todas as coisas estão contidas na providência divina e também escreve da ordem de se estudar e sair do corpóreo para o incorpóreo. A quarta obra foi *Soliloquios*, na qual investiga as coisas que ele mais desejava conhecer, mas diferentemente das outras obras, nesta o diálogo se passa entre dois interlocutores, a razão e ele próprio.

A filosofia platônica também acompanha sua vida, pelo modo de sua escrita, suas obras, sendo que ela foi de grande relevância para despertar a busca pela verdade que estaria dentro de si próprio. Ao negar os prazeres mundanos, ele vê uma luz que seria verdadeira verdade que é Deus e que somente Ele poderia explicar as indagações dos homens.

Ao estudar Platão, ele não se sente completo no mundo da sabedoria, uma vez que ele não era capaz de elevar o homem à natureza divina, chegando à conclusão de que o homem não consegue chegar à verdadeira sabedoria sem uma assistência de força maior, que é Deus.

Em seus estudos platônicos, a falta da palavra humildade deixava-o inquieto, dado que o homem não consegue chegar à sabedoria sem humildade. Os meios usados por Platão eram bem argumentados, mas ficava faltando algo, uma ajuda. Portando, o erro do platonismo era não reconhecer Cristo como a

única e plena verdade da sabedoria existente, apenas o divino conseguiria levar o homem à plenitude completa.

A busca pela felicidade sempre foi uma premissa fundamental na história da humanidade. Desde os primórdios, o homem se questiona sobre como alcançar um estado de plenitude e satisfação na vida. Diversos filósofos ao longo da história se debruçaram sobre esta questão, apresentando diferentes conceitos e teorias. Agostinho de Hipona, um dos maiores pensadores da filosofia cristã medieval, também se deparou com o problema da felicidade em sua vida. Este tema tornou-se central em suas obras, como é o caso do livro *Sobre a vida feliz*, composto de seus diálogos com seus familiares e amigos em um ambiente de recolhimento espiritual.

Através deste diálogo, Agostinho procura apresentar uma solução para o problema da felicidade baseada nas certezas cristãs e em sua visão de mundo. Entretanto, para compreendermos a profundidade e a relevância deste pensamento, precisamos contextualizar a discussão, levando em conta as diversas concepções filosóficas que surgiram ao longo do tempo, influenciando e sendo influenciadas pelo pensamento agostiniano. Nesta dissertação, abordaremos a problemática da felicidade sob o ponto de vista de Agostinho, buscando entender sua visão de mundo e as principais contribuições que ele apresenta. Para tanto, analisaremos o contexto histórico em que ele viveu, a fim de compreender as ideias e perspectivas que o influenciaram.

A partir disso, buscaremos destacar a relevância deste pensamento na história da filosofia. Ao final, pretende-se apresentar uma reflexão crítica sobre as ideias apresentadas por Agostinho, e sua aplicabilidade na atualidade. Assim, esta dissertação tem como objetivo principal apresentar uma análise contextualizada e crítica do livro *Sobre a vida feliz* de Agostinho de Hipona, sob a perspectiva do problema da felicidade, buscando compreender sua visão de mundo e as principais contribuições que ele apresenta.

Nosso trabalho é composto de dois capítulos; no primeiro, é trabalhado o pensamento da filosofia grega sobre a felicidade, passando pela ética agostiniana e também pelo texto *Sobre a Vida Feliz* que acompanha o diálogo do começo ao fim e suas problemáticas, sobre o homem, sua alma, sua vontade, contra os acadêmicos e sobre a busca da vida feliz. É um texto que tem a

participação da família e de amigos de Agostinho, citando algumas de suas falas e ideias até a conclusão sobre o que seria um homem feliz.

No segundo capítulo, o objetivo é comentar três artigos de três autores diferentes e expor as ideias e argumentações dos autores sobre o tema da felicidade em Agostinho, sobre a sabedoria, a verdade, o *summum bonum*, a busca de Deus e a conclusão do homem feliz.

CAPÍTULO I – O discurso sobre a felicidade em Agostinho

A Filosofia passa por diversos temas centrais ao longo de sua história, na filosofia antiga alguns autores buscaram a solução sobre a questão “quem poderia ser feliz?” Como chegar a uma verdadeira felicidade? E qual é esse caminho? Pelas ideias das escolas estoicas e também pelos pensamentos de Sócrates descrito por Platão e Aristóteles.

Os estoicos descrevem que a felicidade está ligada a vários sofrimentos que o homem vive e muitos desses sofrimentos se conectam pela falta de conhecimento. Com o estudo da filosofia, o homem buscava entender seu sofrimento e como diminuí-lo. É preciso de quatro fundamentais métodos para diminuir esse sofrimento segundo os estoicos: o primeiro, que sofremos por aquilo que não temos controle; o segundo, que devemos aceitar nossas limitações; o terceiro, que é preciso entender que somos parte do cosmo; e quarto, que não se deve temer a morte. Ao diminuir os sofrimentos, chega-se a *ataraxia*, que é um estado de tranquilidade e felicidade.

Para Sócrates, a felicidade era uma virtude. No diálogo *Protágoras*, Terence Irwin defende que Platão mostra um Sócrates para o qual a felicidade necessita de um caminho direcionado à virtude. Pois a ação dos indivíduos está voltada a desejar aquilo que é bom, não importando o que a pessoa deseja, mas nem todo desejo é bom, dado que desejar coisas passageiras é como ter uma felicidade passageira, com isso o desejo pela virtude e pelo conhecimento é a única forma de obter a felicidade.

Considerar algo prazeroso como felicidade é uma enganação, dado que, por ser uma coisa prazerosa, ela pode ser boa ou não; algo prazeroso pode levar o homem a ilusões e a um caminho de perdição; já algo permanente, como os estudos em retórica, filosofia, matemática entre outras ciências o leva mais perto da verdadeira felicidade. Os argumentos que Sócrates defende são que as coisas materiais e os prazeres não devem ser mais importantes do que a busca da virtude, que é o desenvolvimento moral do homem. Escreve Platão na *Apologia de Sócrates* (30 a 8 - b 4):

Sócrates: [Eu os exorto] a não se importar por suas pessoas ou suas propriedades mais que pela perfeição de suas almas [...] pois a virtude não vem da riqueza, mas da virtude vem a riqueza e todas

as outras coisas boas para o homem, tanto para o indivíduo quanto para o Estado.

Para Aristóteles, a felicidade é como o maior desejo que o homem pode conquistar; para se ter a felicidade é preciso listar as ações que são virtuosas. Essas ações devem ser feitas em exercícios de pensamentos nos quais a justiça e a razão sejam relativas ao homem. Algo que o torne diferente dos outros animais, pois ele pode pensar e julgar suas ações. A amizade tem um papel importante na felicidade como argumenta o grego, dado que o ser humano tem sua vida em uma comunidade e suas ações não atingem somente a si.

Em uma cidade, a pessoa deve agir de forma virtuosa para ter consigo a felicidade; a virtude é algo intelectual que pode ser obtida na natureza e com o tempo desenvolvendo-a pelo ensino e pela moral. Aristóteles diz que, quando um ser humano nasce, ele já tem a capacidade de ouvir e ver. Sendo assim os humanos podem começar a ver e ouvir sem treinamento (Aristóteles, 2003, p. 40): “Tínhamos antes de começar a usá-las, e não foi por usá-las que passamos a tê-las”.

Sendo a virtude uma excelência moral, quando o homem não tem decisões justas ele pode perder a felicidade verdadeira, uma vez que a virtude está no meio, como descreve Aristóteles (2003, p. 47): “Por 'meio termo em relação a nós' quero dizer aquilo que não é nem demasiado, nem muito pouco, e isto não é o único e o mesmo para todos”.

Agostinho utilizou o pensamento greco-romano, como mostram as passagens sobre o eudaimonismo em algumas de suas obras como na *Sobre a Cidade de Deus*, obra de maturidade, na qual o problema central está na verdadeira felicidade que seria alcançada de alguma forma, pelo exercício dialético, pelo esforço do homem ou pela retórica. Este problema caminhou com Agostinho desde o início: nos *Diálogos Filosóficos de Cassiciaco*, nos diversos *Tratados* e nas *Cartas* e *Sermões*: “essa constatação ele a põe na base e no início de todas as suas argumentações, em resposta às mais variadas interrogações ou situações” (RAMOS, 1984, p. 48).

Ele argumenta que todo homem, seja ele bom ou mal, tem em si o desejo de ser feliz e esse desejo está na natureza humana. Mas, ao adotar o eudaimonismo que prega que o maior bem que pode ser alcançado é a felicidade – o *telos* como diz Aristóteles –, Agostinho discorda que o único método para se

alcançar a felicidade seja somente a filosofia e a razão que estão no meio da busca. A verdadeira felicidade pode ser alcançada somente em Deus e também na fé que se revela na verdadeira filosofia, havendo uma diferença entre a sabedoria que se alcança pela filosofia e a sabedoria alcançada pela verdade divina.

No diálogo *Sobre a Vida Feliz*, as seguintes questões são levantadas: onde estaria a felicidade? Como o homem pode ser feliz? Como chegar a verdadeira felicidade? A felicidade é pensada nesse diálogo como algo permanente e imutável que não sofre alteração e mudanças.

No final do referido Diálogo, Agostinho chega à conclusão de que a “Verdadeira Felicidade” está em Deus, ou só é verdadeiramente feliz quem possui a Deus. Nesse sentido, a Filosofia agostiniana diferencia-se em muito da Filosofia Antiga, ao transferir o fundamento último de seu eudaimonismo para o sobrenatural (COSTA, 2018, p. 133-134).

Portanto, em Agostinho, diferentemente da filosofia antiga, a felicidade está no homem que procura Deus, pois só Ele é permanente e estável. A busca pela verdade não tem como objetivo tornar um homem sábio, mas fazê-lo feliz, e essa verdade está em Deus. A caminhada que o indivíduo faz até chegar à felicidade é diferente para o bispo de Hipona, ele não nega a importância da filosofia e da razão para se chegar à felicidade, mas a intervenção divina tem uma porção maior de responsabilidade na Verdade e na Felicidade: “o reconhecimento da necessidade da Graça divina como único caminho para se alcançar a Verdade era o que faltava ao jovem Agostinho para se converter ao Cristianismo” (COSTA, 2018, p. 135).

Na leitura do apóstolo São Paulo, entende-se que a verdadeira sabedoria e a verdadeira felicidade não se encontram no mundo material, mas em Deus, que não são obtidas pela razão, mas pela transcendência da razão e pela humildade cristã. Essa felicidade se acha no próprio homem e em seu interior, pois Deus, ao criar o homem, se mostra a ele como verdade em sua interioridade.

A ética Agostiniana

A ética de Agostinho de Hipona tem como tema central a felicidade, mas uma felicidade que é concebida como busca do conhecimento e encontro com

um Deus assim descrito nas *Confissões*: “Sumo, ótimo, poderosíssimo, onipotentíssimo, misericordiosíssimo e justíssimo; secretíssimo e presentíssimo, formosíssimo e fortíssimo, estável e incompreensível; imutável, mudando todas as coisas; nunca novo e nunca velho”.

O homem ético tem uma vida próxima a Deus, em pensamentos e ações boas, já o não ético tem sua raiz fixada às coisas passageiras e ruins, sendo que a maior figura de expressão do homem ético é Jesus Cristo, pois ele está em todas as estruturas, quer políticas, quer sociais ou religiosas. Na hierarquia da ética agostiniana, em primeiro lugar vem o amor de si mesmo e em segundo, o amor pelo próximo. O amor se passa como tema fundamental e ele deve caminhar em conjunto com a razão e uma boa vontade para chegar à verdadeira felicidade.

Esse amor é uma força natural, uma força que faz com que aconteçam as ações do homem, pois o homem que vive sem amor algum não teria força para realizar ação alguma. Sendo que o amor é o combustível da vontade, essa vontade está na alma humana, uma faculdade dada que permite agir em qualquer direção. Portanto, toda ação é feita por amor, mas se é assim, como direcionamos esse amor para as coisas boas e não para as ruins? Logo será preciso ordenar o amor ao caminho da verdadeira felicidade.

O método racional e o homem lançado no mundo

O tema da felicidade foi investigado por diferentes pensadores ao longo da história da filosofia; Agostinho de Hipona, em sua obra *Sobre a vida Feliz*, a coloca, no início do seu texto, como um porto ou um lugar a se chegar.

O método racional destina o homem a um porto filosófico no qual encontra a verdadeira felicidade, mas quem seriam os homens que chegam a esse porto? Qual caminho seguir? Questões que se levantam “porque fomos lançados para este mundo, como que ao acaso e sem orientação, ou por Deus, ou pela natureza, ou pela necessidade ou pela nossa vontade, ou pela confluência de algumas ou de todas estas causas” (AGOSTINHO, 1988, p. 21).

O método racional está no homem que é dotado de grande sabedoria, pois ele primeiro deve negar e renunciar as distrações e ilusões que o mundo o oferece e buscar um verdadeiro e sólido conhecimento que se trilha no caminho do conhecer a retórica, da produção de texto e de leituras aprofundadas. A busca

descrita pelo autor é o desejo de ter a verdade, o supremo bem, mas tal feito depende muito do esforço do homem que passa pela dialética, pela razão e pela filosofia até chegar ao porto da felicidade.

quantos saberiam para que local se dirigir ou por onde regressar, a não ser que, um dia, alguma tempestade, considerada pelos ignorantes como algo de adverso, contra a nossa vontade e resistência, nos impelisse violentamente, viajantes ignorantes e errantes, para a mais desejada terra. (AGOSTINHO, 1988, p. 21).

Ao ser lançado no mundo, o homem encontra-se sem sentido e sem direção devido a três causas. Pela natureza, ele se vê lançado ao mar rodeado de uma grande tempestade, sua vista se turva e ele não sabe para qual caminho seguir. Por Deus, o homem é lançado ao mundo e, por seu livre arbítrio, toma diversas decisões ilusórias e enganosas. Pela necessidade, o homem vem ao mundo ele nasce, trabalha e morre, vive em um mundo que necessita dele para se desenvolver, porém ele não sabe qual caminho deve trilhar.

Disso decorre uma hesitação no homem, tornando-o bastante confuso, pois a vontade humana, seja ordenada ou desordenada, faz com que o indivíduo se torne muita das vezes cego e ignorante. O sujeito cego e ignorante é uma pessoa que nega ter em si uma sabedoria e busca o prazer em suas ações, ele recusa a verdade e abraça algo falso.

Os homens que vivem na cegueira da desordem estão em um estado de grande confusão, mas pode ser que alguma reviravolta aconteça em suas vidas, como uma tempestade a arrastá-los para outras águas, mesmo contra sua própria vontade, até chegar a um lugar desejado por muitos, onde tudo é perene e sólido.

Alegoria da Navegação

A caminhada que o homem faz durante sua vida é imaginada, pelo autor, como a navegação num barco sobre um mar que é o mundo. O mar usado no diálogo, é a metáfora de um indivíduo que se movimenta no mundo apenas pelos impulsos da sua vontade.

São três as divisões de navegantes que a filosofia pode acolher: o primeiro navegante são homens que por suas idades avançadas chegam ao porto da

razão no qual não se esforçam a algo novo e nem a uma mudança e com poucas remadas ficam pardos necessitando de alguma ação.

tendo alcançado a idade do uso da razão, com bem pouco ímpeto e poucos golpes de remo procuram se afastar do que lhes está próximo, refugiando-se naquela tranquilidade, onde erigem um sinal luminoso de alguma obra sua a fim de buscar atingir o maior número de outros cidadãos, para tentar atraí-los a si. (AGOSTINHO, 2018, p. 7).

São eles conduzidos pela razão, lançam-se com coragem e alcançam o porto da filosofia; ao chegar a esse porto, eles tentam ajudar outras pessoas a chegarem lá: “donde levantam um sinal muito luminoso de alguma sua obra para os outros cidadãos serem advertidos e a ela se acolherem”.(AGOSTINHO, 1988, p. 21). Aqueles homens que têm uma vida dotada do uso da razão e do controle dos seus impulsos, ao final de sua vida busca ajudar pessoas a chegar a esse porto filosófico.

O segundo tipo de navegante são aqueles que se enganam em suas próprias paixões e ilusões, carregando ao seu lado uma vontade desordenada, partindo em direção a um mar com ondas diversas que faz com que ele se perca em seu próprio caminho.

Sua navegação é tão perigosa que um vento bate com grande força em direção a seu rumo que ele pensa que está sendo oportuno seguir tão longe de sua pátria e por um tempo considera estar feliz, mas descobre que o porto de chegada foi tomado pelo orgulho e acaba se perdendo nele.

Estes homens são os que têm sido levados, sob o pretexto de nada terem que fazer, para os livros de homens doutos e sábios, em virtude das trágicas vicissitudes do destino ou das angústiantes dificuldades dos negócios frívolos, e deste modo despertam, como que num porto, donde nenhuma promessa os arranca deste mar de sorriso tão enganador. (AGOSTINHO, 1988, p. 23).

Entrando, em redemoinhos contrários, uma busca desesperada ocorre no fim de sua vida para ter o conhecimento de livros e de autores intelectuais, porém acaba-se no mesmo porto em que todo movimento ou articulações são enganadores. É um porto em que os homens se aventuram em suas navegações

e esquecem o caminho de sua própria pátria ficando perdidos num mar enganador e iludido por suas ações.

O terceiro tipo é o de um homem que navega pelo mar por um longo tempo; suas ações levam-no a lembrar de sua pátria e ele tenta voltar ao caminho correto. No entanto, ele erra o seu destino por inúmeros motivos como, por exemplo, suas paixões e ações e até mesmo a alta neblina do mar, correndo um grande risco de afundar sua embarcação.

aqueles que, ou no limiar da sua adolescência, ou vagueando pelo mar há já mesmo muito tempo, contemplam, apesar de tudo, alguns sinais que os levam a recordar, ainda no meio das ondas, a sua dulcíssima pátria. Então a ela regressam, sem se desviarem ou demorarem, quer por uma rota adequada quer, a maior parte das vezes, ou errando pela neblina, ou avistando os astros que as ondas submergem, ou presos por algumas seduções, deixam passar o tempo para uma boa navegação e erram durante um longo período, e, muitas vezes, arriscam a sua própria vida. (AGOSTINHO, 1988, p. 23).

Estando no meio termo dos outros navegantes, ele se perde pelas condições que seu caminho o ofereceu, o caminho cercado pelo orgulho dificulta a navegação até uma rocha segura da felicidade, pois ao irem em direção ao porto de uma vida feliz eles devem negar seu próprio caminho e desejos.

Ao acontecer isso, tornam-se inquietos e inseguros. Tendo consigo uma negação a partir de sua própria vontade, contudo muitos encaram seus erros, renunciando-os e buscando fazer o bem, mostrando aos outros as enganações que estão sujeitas a passar em um mar perigoso e agitado. Assim, “com isso, ensinam com grande benevolência a ingressarem por causa da proximidade daquela terra de felicidade. E assim como invejam-lhes a glória vã, indicam-lhes o lugar da segurança”. (AGOSTINHO, 2018, p. 8).

A navegação vivida por Agostinho inicia-se quando, aos seus 19 anos, ele tem o contato com a obra de Cícero, Hortêncio, que o fez sentir entusiasmo pela filosofia. Seu primeiro contato com as sagradas escrituras foi de maneira simples e humilde e um pouco misteriosa naquele momento de sua vida, pois ele não achava algo comparado intelectualmente aos escritos de Túlio.

Ele busca a sua satisfação de conhecer no maniqueísmo, um pensamento que ele nega pouco tempo depois e escreve contra os diversos erros que ele cometia, o principal, no problema do mal, do qual, para os maniqueístas, Deus era o culpado.

Em seguida, ele vai em direção aos acadêmicos que se demonstravam ser homens que buscavam o conhecimento e a verdade, mas ao duvidarem de tudo e argumentarem que o homem não consegue alcançar a verdadeira verdade Agostinho se afasta deles. Chegando então aos sermões de Ambrósio e a leitura do apóstolo Paulo até sua conversão.

Inicia-se o Diálogo em seu aniversário natalício, no dia 13 de novembro. Estavam reunidos, depois de seu aniversário, sua mãe Mônica, seu irmão Návigio, seus alunos Trigésio e Licêncio, seus primos Lartidiano e Rústico e seu filho Adeodato.

Primeiro dia do diálogo

Somos constituídos por corpo e alma?

No início do primeiro dia de diálogo, uma pergunta é feita: seria o homem constituído por uma alma e um corpo? Tal debate diz respeito a um tema muito estudado e investigado no ambiente filosófico da Antiguidade Tardia.

Agostinho expõe a argumentação partindo da indagação sobre se o homem sabe que ele vive e se ele sabe que possui um corpo. Návigio concorda que o homem é composto de um corpo e também de uma alma. A alma e o corpo são duas substâncias opostas encontradas no homem, sendo a alma uma natureza espiritual na filosofia platônica, e o corpo, no maniqueísmo, uma natureza física.

Agostinho caminha entre essas duas concepções, defendendo que o corpo e a alma são substâncias criadas por Deus, um ser perfeito e bom. Diante disso, se a criação divina é perfeita, logo a alma e o corpo são perfeitos. A alma é uma natureza espiritual, ela não sofre mudanças e alterações por ser eterna, já o corpo, sendo uma natureza física, pode sofrer mudanças e morrer: “sendo a primeira – a alma –, de natureza espiritual, imutável e eterna, e a segunda – o corpo –, de natureza física, mutável e mortal, menos bom ou menos perfeito do que a alma, a qual tem a tarefa de governá-lo” (COSTA, 2018, p.188).

“Pergunto-vos, agora, já que todos, sem exceção, concordamos que o homem não pode existir sem um corpo, nem sem uma alma: para qual dos dois apeteçemos o alimento?” (AGOSTINHO, 1988, p. 33-35).

A alma e o corpo dependem de alimento, mas qual tem a maior necessidade? Todos os presentes conversaram entre si e responderam que o corpo tem mais necessidade, o alimento para o corpo do homem se mostra mais visível pelo crescimento do corpo, os corpos tem um limite de sua natureza que não se pode ultrapassar. No corpo, sua necessidade por um alimento é mais vista que na alma, necessitando de alimentos saudáveis para ter uma vida maior e viver por mais tempo, alimentos que sejam bons e nutritivos.

“têm o seu limite fixado pela natureza e não o podem ultrapassar. Se lhes faltassem os alimentos, a sua medida seria menor: coisa que é facilmente verificável nos animais, nem ninguém duvida que os corpos de todos os seres vivos definham, sem alimento” (AGOSTINHO, 1988, p. 35).

E o alimento da alma estaria aonde? Mônica diz que a alma deve ser alimentada por sabedoria e ciência, pois uma alma dotada de falsas instruções e de pouco conhecimento é uma alma ignorante vivendo em total desordem: “Portanto, temos razão quando dizemos que as almas dos que não são versados em nenhuma ciência nem aprenderam as artes liberais estão como que em jejum e, por assim dizer, esfomeados” (AGOSTINHO, 1988, p. 37).

A busca por alimento se relaciona à vontade humana, por meio da qual o homem tem como escolha buscar alimentos que sejam bons para seu corpo e também alimentos que sejam ruins. Como o corpo, a alma também pode se alimentar com coisas ruins como os vícios, tornando-se impura. “Por isso, a nequícia é a mãe de todos os vícios porque, como queriam dizer os antigos, ela não é coisa nenhuma, ou seja, é o nada. A virtude que é contrária a este vício chama-se frugalidade”. (AGOSTINHO, 1988, p. 37).

Sendo a virtude o contrário dos vícios e seduções, o espírito que tem como alimento a busca do conhecimento e o desejo por ciência é algo belo que está na temperança e na frugalidade. Sabemos que todo homem que vive tem em si uma razão, logo ele tem uma alma, já os vegetais e as plantas tem em suas almas aquilo que lhes concede vida, nos animais a alma também é sua vida, suas ações e sensações.

Já no homem, a ação da alma é racional, dessa forma, ela detém uma vontade pelo modo de pensar e tomar decisões, o homem é um ser racional que possui um corpo que é dotado de uma alma pensante. “A primeira ação da alma é atuar com o corpo, tendo em vista o primeiro grau, em que se entende a alma como princípio vivificante do corpo, ao qual confere unidade, harmonia e proporção. A alma anima o corpo”. (STREFLING, 2014, p. 183).

Alma, sabedoria e a vida feliz

Com os esclarecimentos, Agostinho propõe discutir e solucionar o tema sobre a procura da verdadeira felicidade. Assim, pergunta: “Todos queremos ser felizes?” (AGOSTINHO, 1988, p. 39). Para ser feliz é necessário ter tudo aquilo que quiser?

Afirma Mônica que para ser feliz precisamos de coisas boas, já que, aquele que tem coisas más é certamente infeliz. “Se quer bens e os tem, é feliz; se, por outro lado, quer coisas más, ainda que as tenha é infeliz” (AGOSTINHO, 1988, p. 39). Diz também Cícero que uma pessoa vai ser menos infeliz quando ela não quiser algo que se mostre ruim a ela, será menos infeliz aquele que não conseguir algo que pode levá-lo à miséria. Com isso, o mal da vontade gerará mais infelicidade do que o bem material.

Agostinho expõe inicialmente o que seria a felicidade: não há uma pessoa qualquer que seja feliz sem possuir o que deseja, mas deve ter em sua felicidade coisas boas. “Nisso portanto estamos de acordo, que não pode ser feliz alguém que não tem o que quer, e tampouco todo aquele que tem o que quer? E todos concordaram”. (AGOSTINHO, 2018, p. 17).

Toda pessoa que não tem aquilo que quer vive de modo miserável e é infeliz. Outro questionamento se torna visível no meio do diálogo. Trata-se de saber quais seriam as coisas que devem ser buscadas por alguém para ser feliz? Se a felicidade é um estado natural que a vontade humana busca, não devendo ser coisas materiais, fortunas, algo sujeito à mudança ou por sorte, o problema não está em ter bens materiais, mas em como o homem os tem e seu relacionamento com eles. Deveria ser uma busca por algo que não ocorra nem uma mudança que permaneça estável e firme, mas o que seria uma coisa que não seja mutável e transmite ao indivíduo a felicidade?

Essa busca por algo está relacionada à vontade, que é uma faculdade que toma posse de algo desejado, mas esse algo deve ser bom. Agostinho coloca que todas as pessoas devem buscar algo que seja permanente; Trígésio não concorda com essa afirmação, pois ele argumenta que há vários homens que não seguem isso e mesmo assim eles têm uma vida feliz. Agostinho então pergunta: seria um homem feliz por possuir bens que podem sofrer mudanças com o passar do tempo? Completa sua argumentação sua mãe dizendo que o homem jamais será completamente feliz por desejar muitas coisas. “E deve ser algo sempre permanente, não dependendo das incertezas da fortuna, nem sujeito às circunstâncias. Porque o que é mortal e caduco não pode ser por nós possuído quando queremos ou durante tanto tempo quanto queremos” (AGOSTINHO, 1988, p. 43). Todos concordaram com tais afirmações.

A felicidade então está na posse de alguma coisa que faça o bem, mas não há felicidade em todas as coisas, ela está ligada diretamente ao desejo de algo bom que pode satisfazer o homem com uma felicidade eterna; para Agostinho, esse algo é Deus. Assim, Deus é um ser perfeito, um sumo bem que não tem qualquer modificação, não se transforma e não contém um estado de sorte que possa ocorrer alguma variação:

– E Deus? Parece-vos que Ele é eterno e sempre permanente? –
perguntei.

– Isso é uma coisa tão certa que, de facto, nem é preciso perguntares –
disse Licêncio.

Todos os outros, com perfeita piedade, concordaram em harmonia.

– Portanto – disse eu –, quem possui Deus é feliz. (AGOSTINHO, 1988,
p. 43)

Portanto, a felicidade não se acha nos bens materiais; ela está em Deus, bem permanente e verdadeiro; logo o homem que O possuir em sua vida será feliz: “Julgo que já nada mais nos falta investigar a não ser quem é o homem que possui Deus. Esse homem será, sem dúvida alguma, feliz”. (AGOSTINHO, 1988, p. 45).

Agostinho coloca a seguinte questão: quem entre os homens possui a Deus? As respostas foram as seguintes: possui a Deus aquele que não tem um espírito impuro, aquele que faz o bem e aquele que faz o que Deus quer.

Crítica aos acadêmicos

Em seus escritos, os acadêmicos (céticos) são homens que buscam a verdade e não a encontram, homens que Agostinho critica em diversas obras como nesse diálogo. Esses homens podem chegar a uma verdadeira felicidade?

Os acadêmicos vivem em uma busca constante para chegar à verdadeira sabedoria, tendo uma grande vontade de ter o conhecimento como seu maior aliado durante suas vidas. Ao não possuir aquilo que quer, uma pessoa não pode ser feliz; os acadêmicos buscam a sabedoria a todo o momento, mas essa busca sem parar pela verdade acaba falhando e não conseguem chegar verdadeiramente à sabedoria.

Se é evidente, conforme foi há pouco demonstrado, que não é feliz quem não tem o que quer, e que ninguém procura aquilo que não quer encontrar, uma vez que eles procuram a verdade constantemente, então querem encontrar; eles querem, na realidade, descobrir a verdade. Mas não a encontram e por isso também não são felizes. Ora, ninguém é sábio se não for feliz e, portanto, o Acadêmico não é sábio. (AGOSTINHO, 1988, p. 47).

Como já descrito, aquele que não tem o que quer não é feliz; os acadêmicos não possuem o que querem, pois vivem em constante busca por algo que não conseguem ter, vivendo em constante erro; logo eles não são felizes. Trigésio, na obra *Contra os Acadêmicos* (AGOSTINHO 2014), descreve como é o caminho em que vivem e aponta seu erro: “quem quer que erre não vive segundo a razão e de modo algum é feliz. Erra, porém, aquele que sempre está buscando, mas nunca encontra”.

A questão que está envolvida neste diálogo sobre os acadêmicos gira em torno do encontro do homem com a verdade, pois eles acreditam que o sábio é aquele que busca a verdade mesmo não a encontrando. Navígio acredita que o homem pode viver feliz só por estar vivendo por uma busca da verdade.

Ocorrem então três discussões entre Licêncio e Trigésio, nas quais Licêncio defende que o indivíduo pode ter uma vida feliz mesmo não tendo para si a verdade, mas somente pela busca a ela. Trigésio critica essa posição argumentando que uma pessoa feliz busca o que é perfeito e consegue ter para

si a perfeição, logo aquele que vive em busca da verdade e nunca a encontra é infeliz.

Na segunda discussão, o assunto discutido é o erro da primeira argumentação em que o homem só pode ser feliz quando tem aquilo que quer e busca. Licêncio complementa tal argumentação dizendo que para caminhar na verdade deve-se buscar somente a verdade, pois aquele que seguir esse caminho é sábio e feliz.

Na terceira discussão, o que seria o homem sábio? E a sabedoria? Licêncio define que a sabedoria é a procura do homem pela ciência divina; já para Trígésio, a sabedoria está na ciência do homem e nas coisas divinas. Agostinho agradece a cada um por tantas argumentações que favoreceram sua investigação, sendo que, a felicidade está no auxílio de Deus: “a felicidade, como a busca pela verdade, além da fidelidade para com único Deus, além da própria condição humana, necessitada do auxílio divino, nesta jornada”. (SANTOS, 2016)

“Com alegria e humor, a reunião tinha chegado ao fim, pelo que nos retirámos” (AGOSTINHO, 1988, p. 53). No segundo dia do diálogo Agostinho concentrará sua investigação sobre a necessidade do homem ter Deus para chegar à verdade e à felicidade.

Segundo dia do diálogo

No próximo dia em que o banquete havia sido realizado, todos que estavam presente no dia anterior se reuniram, com a concordância de que é feliz aquele que possui a Deus. Todos concordaram haver três argumentos usados por quem estava presente.

O primeiro argumento, o de que um indivíduo vai possuir a Deus quando ele segue sua vontade; o segundo, o de que vai possuir a Deus quem vive bem e o terceiro, o de que Deus está em homens que não possuem um espírito impuro. “As duas primeiras afirmações, todo aquele que vive bem faz o que Deus quer e quem faz o que Deus quer vive bem, viver bem e fazer o que agrada a Deus não são coisas diferentes” (AGOSTINHO, 1988, p. 57).

Sendo que, a terceira argumentação deve ser mais aprofundada, pois o espírito impuro é explicado de duas maneiras. Pode ser uma alma invadida em que seus sentidos são provocados resultando na loucura, e também, uma alma

dotada de vícios, erros e enganações: “quando algo de exterior invade a alma, altera os sentidos e produz no homem o delírio” (AGOSTINHO, 1988, p. 57). Com relação a segunda alma, argumenta Agostinho: “O segundo modo de designar o espírito impuro diz respeito, em absoluto, a qualquer alma que se encontre corrompida pelos vícios e pelos erros” (AGOSTINHO, 1988, p. 57).

O homem que não tem seu espírito impuro é um homem casto? Sabemos que para ser casto o indivíduo deve direcionar seus olhos, caminhar em direção a Deus como se estivesse preso e devesse fazer tudo pelo direcionamento divino.

“É pois necessário – perguntei – que o casto viva bem e quem vive bem é necessariamente casto, não te parece? – concordou juntamente com os outros. – Portanto – concluí –, aquelas afirmações são uma só”. (AGOSTINHO, 1988, p. 57).

São feitas três perguntas: Deus quer que o homem o procure? O homem que busca a Deus vive mal? “Faço-vos agora uma pequena pergunta: Deus quer que o homem O procure? – todos o admitiram. – Pergunto-vos ainda: podemos dizer que quem procura Deus vive mal? – De modo nenhum – disseram todos” (AGOSTINHO, 1988, p. 59).

E terceiro, a alma impura pode buscar e possuir a Deus? As duas primeiras afirmações, todos concordaram, na terceira pergunta todos negaram; apenas Návio foi contra, mas depois de ser convencido negou também. Contudo, não se pode afirmar que possui Deus quem faz o que Deus quer, vive bem e não contém em si um espírito imundo:

“Se, portanto – disse eu –, quem procura Deus faz o que Deus quer, vive bem e não tem o espírito impuro, quem, por outro lado, procura Deus é porque ainda O não possui, segue-se que não se deve crer que quem vive bem e faz o que Deus quer ou não tem o espírito impuro possui Deus, de imediato” (AGOSTINHO, 1988, p. 59).

Mônica sua mãe fica um pouco confusa: “A mim parece-me – disse ela – que não há ninguém que O não possua mas que, quem vive bem, O tem favorável, e quem vive mal, hostil” (AGOSTINHO, 1988, p. 59). Segundo ela, todo indivíduo possui Deus: os que vivem bem tem Deus favoravelmente, os que vivem mal também O tem, mas de modo hostil. Assim, aqueles que ainda estão a procura de Deus e vivem bem não tem em si a garantia que possuam Deus

dessa maneira, pois eles não têm Deus como um amigo favorável. “Contudo, quem até hoje procura ainda não alcançou Deus, mesmo que viva bem. Portanto, nem todo aquele que vive bem possui Deus” (AGOSTINHO, 1988, p. 59). Mônica rebate dizendo que aqueles que vivem bem possui a Deus como um amigo benévolo e aqueles que vivem mal ficam distante desse amigo, é feliz aquele que tem sua relação com Deus como um amigo.

Para ser feliz, o homem tem que ter Deus favorável a ele? Para Navígio, essa pergunta se torna outra investigação a se aprofundar: os acadêmicos buscam a verdade e pode também buscar a Deus? Por buscar algo como Deus eles podem também ser felizes?

“Quem procura será, portanto, feliz. Mas quem procura não tem ainda o que quer. E assim o homem que não tem o que quer será feliz, coisa que ontem nos pareceu, a todos, absurda, ainda que acreditássemos ter dissipado as trevas dos Acadêmicos”. (AGOSTINHO, 1988, p. 61).

Deus, um ser perfeito e imortal, não seria desfavorável àquele que o procura, pois aquele homem que tem sua vida destinada a uma busca tem em si na busca por Deus a felicidade. Ao buscar Deus, o homem deve ter em si um bom relacionamento com Deus, pois Deus não pode ser usado para cometer algo ruim, uma coisa que seja desordenada. É feliz aquele que busca a Deus e O tem favorável a si, mas quem o procura de modo desfavorável é infeliz.

Para Trigésio, Deus não seria favorável àquele que não o procura e essa pessoa deveria estar no meio termo, entre o favorável e o não favorável. O homem que está no meio termo de algum modo pode possuir Deus?

Não admito assim tão depressa – disse Trigésio – que Deus seja hostil a quem Ele não é favorável e julgo que deve haver um meio-termo. Ao que eu redargui: – E esse homem que se encontra no meio-termo, a quem Deus não é favorável, nem desfavorável, acreditas que possui Deus de alguma maneira?” (AGOSTINHO, 1988, p. 61).

Vive bem quem possui Deus de modo vantajoso; os que vivem mal não tem Deus de maneira que seja vantajosa. Portanto, aquele que está na busca e ainda não tem a Deus consigo não tem Deus como desfavorável a si, mas ele não se encontra sem Deus: “chegámos a esta distinção: quem já encontrou Deus

e tem-n'O favorável, é feliz; quem procura Deus, tem-n'O favorável, mas ainda não é feliz; pelo contrário, quem se afasta de Deus, por vícios e pecados, não só não é feliz como não vive com o favor de Deus". (AGOSTINHO, 1988, p. 63).

Terceiro dia do diálogo

No início do terceiro dia de diálogo, após o meio dia, todos estavam reunidos em um campo, sentados de maneira confortável, e a seguinte argumentação foi exposta: "Foi dito pela nossa mãe que a infelicidade não era outra coisa senão a indigência e todos concordámos que os indigentes são infelizes. No entanto, ontem, não pudemos esclarecer uma questão, a de saber se os infelizes são indigentes" (AGOSTINHO, 1988, p. 67). Sabemos que a infelicidade está nas pessoas que trilham seu caminho por vias desordenadas e se desviam daquilo que é eterno, por isso uma pessoa indigente não é feliz.

Disse Trigésio. – "Não se pode concluir desde já que quem não é indigente é feliz, visto já ter ficado claro que quem é indigente é infeliz? Não é verdade que admitimos já que não existia qualquer meio-termo entre o infeliz e o feliz?" (AGOSTINHO, 1988, p. 67).

Há algum indivíduo que esteja no meio entre o feliz e o infeliz? É possível ter alguém que seja morto ou vivo ao mesmo tempo? Compreendemos que o infeliz é indigente e que o feliz não o é. Trigésio, sustentado pela conclusão do dia anterior de que não há meio-termo entre felicidade e infelicidade, busca concluir que feliz é quem não está na indigência. A maioria presente se demonstrava confusa. Agostinho, então, argumenta que não há dúvida de que o indigente seja infeliz, pois a alma do homem feliz (sábio) não se inquieta em razão de que possa padecer na miséria.

Uma alma que se mostra perfeita não contém em si uma necessidade daquilo que não o convém; o sábio é resistente, não encontra medo em si e tem sua vida destinada às coisas eternas e necessárias. Desvia-se da dor na ocasião que for provável, mas mesmo quando não consegue evitá-las, não será infeliz, porque pode evitar e não cair na desordem. Ele não é feliz porque o evita de modo paciente, mas por causa de sua estupidez. Se ele não puder evitá-los, não se aborrecerá com esses contratemplos, mesmo que o faça com grande entusiasmo e conveniência.

Como ele poderia estar infeliz? Sua vontade está sustentada em uma base fixa e eterna, e tudo que ele faz é feito de acordo com a lei da virtude eterna e divina que não ocorre mudança nem pela sorte e nem pelo tempo material.

Há homens que tem muitos bens materiais que são passageiros e as suas vontades são sempre feitas sem qualquer esforço; desse modo, sua vida acaba ficando mais longe da vida feliz, como o exemplo de Orata descrito por Túlio:

Quem, de facto, dirá sem contestação que Orata viveu na indigência, ele que foi um homem muito rico, agradável e exigente e a quem nunca nenhum prazer faltou, ou a graça ou uma saúde íntegra e boa? Abundava em herdades muito lucrativas e em amigos muito dedicados, à sua descrição, e de tudo se serviu convenientemente para a saúde do corpo e, para tudo dizer em poucas palavras, todos os empreendimentos da sua vontade foram levados a cabo com êxito e prosperidade. (AGOSTINHO, 1988, p. 71).

É um homem que teve sua vontade direcionada a buscas desnecessárias, pois foram para coisas passageiras, sendo assim, teria sido ele um indivíduo indigente? Sabendo que ele vivia em meio ao medo e à angústia constante de perder todos os seus bens, esse medo se apresenta como uma recapitulação em sua vida de perder tudo. Com isso ele se afasta da vida feliz se tornando indigência, ele não vivia na indigência, mas sim era consumido pelo medo de perder tudo, é correto afirmar que sua infelicidade estava na angústia de ficar sem algum bem.

O problema da indigência se volta àquilo que não temos e não ao medo que o indivíduo tem de perder algo, sendo que o miserável não é um homem indigente. Sua mãe demonstrou dúvida sobre essa afirmação, pois ela compreendia que o homem pode ser indigente sem ser miserável.

“Não sei, nem compreendo totalmente como é possível separar a infelicidade da indigência ou a indigência da infelicidade. De facto, a esse indivíduo que era rico e opulento e que, como dissestes, não desejava mais nada, no entanto, porque temia perder tudo, faltava-lhe a sabedoria. Então chamá-lo-íamos indigente se lhe faltasse a prata e as riquezas e não o podemos fazer quando é a sabedoria que lhe falta?” (AGOSTINHO, 1988, p. 73).

Um homem que tem tudo aquilo que deseja, mas carrega consigo um único medo que é o de perder tudo que já conquistou, é um homem indigente e

miserável uma vez que carece de sabedoria. Licêncio ainda afirma: “De facto, não existe maior e mais infeliz indigência do que a de sabedoria e quem não sofre a necessidade de sabedoria não pode sentir necessidade de mais nada”. (AGOSTINHO, 1988, p. 73).

A estultícia é contrária ao que seria a sabedoria, como a morte é o contrário da vida e o feliz é o contrário do infeliz. Sérgio Orata conclui então que ele não era miserável mas tinha medo de perder tudo e, por causa disso, ele se mostrava com um entendimento insensato. Sua indigência não estava apenas em sua estupidez, visto que ela seria maior se não temesse perder suas coisas materiais sujeitas à mudança pela sorte. Com insegurança de perder algo, ele se torna sentinela de seus bens. Portanto, o estulto que se comporta como um miserável é indigente, assim como todo indigente estulto é miserável.

Trigésio não tinha compreendido tais argumentações Agostinho então responde: “portanto, todo aquele que é estulto é infeliz e todo o infeliz é um estulto, também devemos admitir que todo aquele que é indigente é infeliz e que todo o infeliz é indigente” (AGOSTINHO, 1988, p. 77).

Todos concordaram que aquele que é indigente é estulto, dado que a alma do homem que vive na indigência é tomada por vícios e desilusões. Como foi discutido no primeiro dia do diálogo, a nequícia é o próprio nada e seu contrário é a frugalidade.

A questão nesse momento passa a ser o de saber o que seria o oposto de indigência e, como sabemos, essa palavra traz consigo a ideia de pobreza. Portanto, o homem indigente vive em extrema pobreza espiritual, sendo seu oposto, como afirma Licêncio, o homem que vive em *plenitude*. “Se assim o posso dizer, pare-me que esta palavra se opõe bem à indigência” (AGOSTINHO, 1988, p. 79).

Ocorre uma concordância de que plenitude e indigência são palavras de sentidos contrários, a primeira caminhando junto à sabedoria, e a segunda, junto à estultícia.

Não é, de facto, isso que nos deve ocupar na investigação da verdade. Ainda que Salústio, um distintíssimo investigador do valor das palavras, tivesse oposto a opulência à indigência, aceito, no entanto, a palavra plenitude. Não nos vamos preocupar aqui com a ameaça dos gramáticos, nem devemos temer que aquele que pôs

os seus bens à nossa disposição nos censure, por usarmos as palavras com negligência (AGOSTINHO, 1988, p. 81).

Marco Túlio Cícero escreve que as maiores virtudes que um homem pode ter são a temperança e o controle de suas vontades, em uma palavra, a moderação. A moderação vem do controle de ações e a temperança vem da proporção que é causada por cada ação; quando o homem, no curso de sua vida, ultrapassa a medida e proporção que ele devia seguir, ele extrapola sua vontade e cai na indigência. Sendo assim, a alma precisa de uma moderação mediada pela sabedoria e tal é uma característica da plenitude. “A alma derrama-se na luxúria, nas ambições e no orgulho e outros excessos deste gênero, com que as almas dos desregrados e infelizes julgam obter prazeres e poderios”. (AGOSTINHO, 1988, p. 83).

Portanto, conclui-se que o indigente é infeliz e feliz é aquele que tem moderação e sabedoria, visto que, a alma também necessita de ser moderada para não se voltar aos prazeres passageiros, orgulho, excesso de coisas materiais, tornando-se infeliz ao se ver rodeada de medo e de ambição. Ocorrendo que, quando a alma se encontra com a sabedoria, a temperança e uma vontade ordenada, ela se volta para o permanente, para algo que não muda, sendo, portanto, uma alma que se sustenta.

Após essas conclusões, Agostinho coloca a seguinte questão: “o que é a sabedoria?” (AGOSTINHO, 1988, p. 83), e já sabemos que o homem que tem uma alma moderada, na qual nada é muito e nada é pouco, é um homem que vive em plenitude. O indivíduo é dotado de sabedoria quando não se fixa nas ilusões das aparências, quando não se afasta de Deus e quando busca sempre algo permanente, não se levando por coisas materiais. A sabedoria é Deus, sendo a verdade uma medida suprema que é também a medida superior, já que é o próprio filho de Deus: “quem é o filho de Deus? Já foi dito: é a verdade” (AGOSTINHO, 1988, p. 85).

Aquele que possui Deus é feliz e tem sabedoria que é o próprio Deus. A sabedoria é a própria verdade que vem da luz divina para ser perfeita e não conter erros. A busca pela verdade passa pela sede de ter para si o próprio Deus que se mostra na vida do homem como uma luz muito forte e misteriosa, uma luz que transborda tudo o que há de verdadeiro e perfeito.

A busca por essa luz é de certa forma o caminho que o homem percorre em toda sua vida para ter a plenitude e negar a indigência, até chegar, no final, ao encontro da verdadeira felicidade. Para chegar à verdade, o indivíduo deve negar uma vida desordenada e uma alma tomada por vícios, devendo se voltar a Deus e se conectar à luz divina.

No entanto, enquanto procuramos ainda não alcançamos a fonte e, para me servir da palavra de há pouco, não nos saciamos com toda a plenitude, ainda não alcançamos (devemos reconhecê-lo) a nossa medida. E, de igual modo, mesmo que Deus nos ajude, ainda não somos sábios nem felizes. Assim, a plena saciedade das almas, a vida feliz, consiste em conhecer com perfeita piedade quem nos guia para a verdade, que verdade fruir, e através de quem nos unimos com a suprema medida. Banidas as várias superstições da vaidade, estas três coisas revelam-nos a compreensão de um só Deus e de uma só substância. (AGOSTINHO, 1988, p. 87).

Agostinho afirma no fim do diálogo que a verdade está no próprio filho de Deus, Jesus. O homem só consegue chegar à verdade e a felicidade pelo filho de Deus, pois nele existe toda perfeição e verdade.

O diálogo chega ao seu fim com a conclusão de que a vida feliz se inicia em uma navegação que pode caminhar por várias direções. O homem deve desejar algo permanente que é a busca pela verdade. Mas o que seria essa verdade? Ela é o próprio Deus, afirma Agostinho. Portanto, o homem deve negar as vontades desordenadas e buscar a Deus que é a verdade eterna.

No momento em que todos nos alegrávamos e louvávamos a Deus, Trigésio disse: – Quem dera que nos alimentasses todos os dias segundo esta medida! – Aquela medida – disse eu – em toda a parte deve ser guardada, em toda a parte deve ser amada, se vos empenhardes no nosso regresso para Deus. Dito isto, pôs-se fim à discussão e retirámo-nos. (AGOSTINHO, 1988, p. 89).

CAPÍTULO 2 – Discussões sobre a vida feliz

Apresentação de Argumentos

Início o segundo capítulo que passará por três autores discutindo diversos assunto relacionados a Agostinho sobre o livro *'Diálogo Sobre a Vida Feliz'*. O primeiro é Danilo Nobre dos Santos que escreve *A Felicidade e sua Busca no Beata Vita de Santo Agostinho*; o segundo é Janduí Evangelista de Oliviera que disserta sobre a *Busca da Verdade e a Descoberta da Felicidade*; e o terceiro é Josemar Jeremias Bandeira de Souza que escreve sobre a *Vida Feliz na Filosofia de Santo Agostinho*.

Santos escreve que o homem que busca a felicidade está direcionado a ter um desejo de uma vida feliz e a filosofia de Agostinho busca estudar como o homem chega a essa vida feliz.

A vida feliz é tudo o que o homem mais aspira, em todo tempo e lugar, desde os primórdios. Podemos observar isto com a leitura de diversos autores, e para Agostinho não foi diferente. Ele também buscava uma vida plena e feliz. Foi por meio da razão unida à fé que conseguiu oferecer uma resposta consistente para tal problema. (SANTOS, 2016, p. 16).

Já Oliveira destaca no início do seu texto que ele busca demonstrar qual foi o motivo pelo qual Agostinho investiga o problema da verdade e da felicidade.

Agostinho foi entendendo que o bem que procurava deveria ser um bem não perecível, que realiza o homem perecível e imperfeito, um bem que se adapta mais à interioridade do próprio homem. Essa busca foi concebida por ele com um fim em si mesma, ou seja, como felicidade, mesmo que esta ainda não seja a felicidade definitiva, a qual se dará somente na vida eterna, embora admita que se possa experimentá-la já aqui nesta vida (OLIVEIRA, 2013, p. 56).

Souza diz que o indivíduo que busca em toda sua vida um descanso, que é o (*summum bonum*), a vida feliz, uma busca que Agostinho passa pela noção de Deus, mas como procurar essa noção se Deus é algo desconhecido pelo homem?

torna-se, para ele, imprescindível questionar se o homem poderia, de fato, experimentar, nesta etapa da existência chamada vida, a

posse da beata vita que é o próprio Deus. Logo, percebendo-se envolvido na busca por algo que ainda não conheceu, ou não experimentou na sua completude (SOUZA, 2016, p. 16).

A compreensão da felicidade é algo que inquieta o Bispo de Hipona: o que seria seu caminho e como segui-lo? Como ter essa felicidade e como buscá-la? A vida feliz se apresenta como uma estrada, como uma navegação desconhecida, desse modo, como procurar, desejar algo que não se conhece?

Como, e porque, se busca com tanto afincamento algo ainda não experimentado? De onde vem tal desejo? Será que em algum momento a vida feliz foi experimentada? São as interpelações que inquietam a mente de Agostinho, pois ele não se contenta com a busca de uma mera definição epistemológica de felicidade, mas deseja encontrar tal condição de vida em um desvelar prático. (SOUZA, 2016, p. 18).

A felicidade se encontra em uma disputa entre a alma e o corpo, o contato do corpo com as coisas materiais não intervém nas coisas da alma, mas sim na vontade que o homem tem por ser livre, a problemática está na relação do seu desejo das coisas materiais.

na livre vontade da qual o homem é dotado. Ao invés de se dedicar ao sumo bem, Deus, o homem acaba buscando satisfação nos bens corruptíveis e perecíveis, fazendo-o confundir o relativo com o absoluto. (SANTOS, 2016, p. 16)

No *Diálogo Sobre Vida Feliz*, fica demonstrado que a alma é superior ao corpo, pois é nela que o homem encontra a verdade, tanto em Deus quanto na sabedoria que o homem adquire em sua vida.

Seria possível nesta vida ser feliz? Tal pergunta é discutida por Agostinho no capítulo anterior e é trabalhado por Santos: primeiro ele mostra que é necessário saber o que seria ser feliz e qual a busca do homem Agostiniano. Sabendo que a vida feliz está baseada na batalha entre o corpo material e a alma, o homem busca algo que acabe com sua inquietação e lhe dê paz, isto é, algo que seja transcendente a ele e essa busca só podem ser feita pelo homem nesta vida e não em seu pós vida.

A investigação em Souza destaca a ideia de memória, pois ele descreve nos escritos de Agostinho que a vida feliz já é conhecida pelo homem e esse

pensamento ganha força quando é exposto o silogismo do desejo de ser feliz, algo que é comum entre os indivíduos. Ao se pensar em felicidade o homem vai em busca de uma coisa que seja real e o autor defende que está coisa já se encontra em sua memória.

Agostinho compreende que a vida feliz é um desejo que se liga à realidade despertada pela memória, sendo que a felicidade não está na memória dos indivíduos da mesma maneira: “porém difícil de expressar, naquilo que a vida feliz representa para cada um que a persegue. E, no entanto, não se pode dizer que esse ou aquele busca o fim certo, ou que esse ou aquele busca o fim errado” (SOUZA, 2016, p. 21).

Verdade e Felicidade

O questionamento sobre a felicidade tem uma importância maior nos escritos de Agostinho, pois a relação de Deus com a felicidade ainda não tinha sido trabalhada e essa ideia de uma divindade em conjunto com a felicidade tem uma relação com a verdade nos escritos agostinianos. Em sua caminhada, o bispo procura uma direção a seguir e ele chega à conclusão de que somente em Deus pode-se encontrar a verdade.

No diálogo *Sobre a Vida Feliz*, o bispo de Hipona inicia dizendo que precisava conhecer Deus para se chegar à verdade, mas para desejar Deus é preciso conhecê-Lo de algum modo. “Agostinho reconhece a existência de outro tipo de conhecimento, o qual não deriva somente da razão e dos sentidos, no caso, o conhecimento de Deus” (OLIVEIRA, 2013, p. 74). De onde vem esse conhecimento, já que ele não se baseia nos sentidos e na razão? Ora, há três fatores que nos levam em direção a Deus: a fé, a esperança e o amor. “... essas três coisas: a fé pela qual, voltando o olhar ao objeto e vendo-o, se torne feliz; a esperança pela qual, se olhar bem, pressupõe que o verá; e o amor pelo qual deseja ver e ter prazer nisso” (Sol. I,13).

Até aqui as argumentações usadas demonstram uma inclinação para ver a Deus, entretanto, esse ver a Deus não significa conhecê-lo; é a teoria da iluminação que aparece como uma premissa para chegar ao conhecimento de Deus:

Ao argumentar que o conhecimento de Deus não vai depender exclusivamente da razão nem dos sentidos, e muito menos de

ambos simultaneamente, o jovem Agostinho reconhece a existência de um limite epistemológico do conhecimento humano. Segue a isso que, para o homem conhecer a Deus, faz-se necessário que Ele supra essa nossa deficiência incluindo no caminho ao perfeito conhecimento da verdade as suas luzes. (OLIVEIRA, 2013, p. 75).

Esse conhecimento de Deus necessita de ser entendido como um autoconhecimento, já que o autoconhecimento é uma condição necessária para se chegar a Deus. Portanto, a busca pela felicidade se encontra mais no interior do homem, mas o que seriam as coisas materiais na vida do homem? Sabendo que os bens materiais são de importância para o homem.

Eles devem ser usados com ponderação e moderação, mas como usá-los de maneira correta? É necessário ter bens que levem o indivíduo a Deus, bens que sejam permanentes e imutáveis, deve se negar os bens que são passíveis de mudança e mutáveis. “Logo, devemos dar assentimento aos bens que nos levam ao Sumo Bem e abdicar dos que nos levam para o caminho contrário, ou seja, a dor”. (OLIVEIRA, 2013, p. 76).

Uma vez que o conhecimento de si nos leva a conhecer a Deus, precisamos então nos preocupar com o conhecimento da alma antes de concluirmos o conhecimento de Deus, pois somos constituídos de uma alma e de um corpo. Para se chegar à alma, temos que dar atenção ao problema da verdade, problema implicado na questão da busca pela felicidade.

Portanto, é preciso conhecer a verdade para se conhecer a alma e a Deus “Na filosofia agostiniana, a verdade funciona como aquele referencial que confere legitimidade às coisas, conforme expõe o Bispo de Hipona: “o que é verdadeiro certamente o é pela verdade””. (OLIVEIRA, 2013, p. 77).

A verdade está também relacionada às coisas materiais, no entanto, ela não se submete às imperfeições das coisas. Em seus escritos, Agostinho diz que existe a verdade em algum lugar e ele busca encontrar esse lugar. Inicia-se então uma caminhada para saber quais coisas são mortais e quais são imortais. O saber das coisas interfere na felicidade, o homem deve conhecer aquilo que é bom para si mesmo e aquilo que é ruim para ele, de modo que o conhecimento vai levar o homem à felicidade e a ignorância à infelicidade. Somente o homem que é sábio é feliz. Voltemos à investigação sobre as coisas mortais e imortais e

suas diferenças, qual seria o meio de investigação usado pelo homem para buscar essas coisas?

se o conhecimento proporciona o viver na eternidade, só resta uma conclusão: a de que a alma, a parte superior do homem que experimente o conhecimento deve ser imortal. Segue-se a isso a ideia de que não nascemos para a finitude, mas para a eternidade, para as coisas superiores. (OLIVEIRA, 2013, p. 79).

A relação do conhecimento com a felicidade é de extrema importância, o homem não deve somente viver e ter uma vida sem grandes conhecimentos, ele deve existir por meio da sabedoria e da verdade para chegar à felicidade. Seguindo esse argumento, essa sabedoria é a ligação do homem com os bens eternos que são verdadeiros e que leva o indivíduo à felicidade. Concluímos que todo bem que é eterno vem da verdade. Para existir a verdade, existe a falsidade e em consequência disso a verdade está para a felicidade assim como a falsidade está para infelicidade, mas porque haveria de existir também algo que seja falso? A falsidade não está nas coisas e sim no sentido que damos a ela.

Carecemos nesse momento de uma definição distintiva da verdade, já que sabemos que ela não é algo material e não é identificada pelos sentidos apenas pela alma: “não se atinge a verdade por meio das sensações, mas somente pelo intelecto da alma, porque os sentidos captam somente o que é perecível, enquanto que a alma atinge o eterno”. (OLIVEIRA, 2013, p. 80).

Voltemos à pergunta feita no início do capítulo, sobre o que é a verdade. Sabemos que ela é algo que a pessoa precisa conhecer não de maneira material, mas com a sabedoria. Agostinho revisa sua conclusão e começa procurando a raiz da falsidade, pois para existir a verdade é necessário existir também a falsidade. A busca pela verdade se passa na vida do homem por muitos caminhos e no meio desses caminhos ele pode ser enganado pelos seus próprios sentidos e acaba achando que está no caminho da verdade: “Assim, tanto o falso como a verdade existem, mas devemos saber que o falso vem dos sentidos e a ciência vem da alma”. (OLIVEIRA, 2013, p. 80).

Dessa maneira, a verdade está nas coisas que são permanentes e não sofrem mudanças que é a sabedoria e a ciência, porém a falsidade é dotada de uma nuvem enganadora que vem dos sentidos.

Questão da Verdade e a Felicidade no Contra Acadêmicos

Seria possível o homem ser feliz com a posse da verdade? Ou ele já é feliz com a procura da verdade? “O que torna alguém feliz, portanto, não é apenas o encontrar a verdade, mas a investigação da verdade por si mesma”. AGOSTINHO (2018). Para responder essas perguntas é preciso investigar o erro na vida do homem, o qual tem dois significados: como algo que se cura e não consegue; como validação da falsidade.

A questão da sapiência é colocada nesse momento, pois ela envolve dois elementos para a vida feliz, o conhecimento das coisas mortais e o conhecimento das coisas divinas. Os acadêmicos são homens que dizem ter encontrado a verdade, mas eles a encontraram incorretamente e param de procurá-la de modo correto e influenciam outros homens a seguir esse caminho. Sendo assim, a sapiência é o contrário do que seria o homem acadêmico, ela se apresenta como amor a uma beleza pura e verdadeira.

São dois os vícios que o homem deve negar para conhecer a verdade. O primeiro, como escreve Oliveira (2013, p. 84): “o investigador da verdade deve agir contrariamente a essa postura, pois a busca na humildade”. Já o segundo “é o de supores ter achado alguma coisa, ainda que te separe de nós duvidando e procurando, qualquer superstição do teu espírito será repelida, quer se te enviar alguma dessas discussões sobre religião, quer quando discutir muitas coisas contigo” (OLIVEIRA, 2013, p. 84).

Os acadêmicos sustentam que, para o homem conseguir chegar à verdade, ele não precisa da ciência, da verdade e nem da filosofia, ele somente precisa buscar a verdade no que já é considerado sábio. Agostinho se manifesta contra essas afirmações dos acadêmicos, o sábio que eles defendem são homens que não se busca nada com a verdade, mas com as enganações e erros conduzidos pelos seus sentidos e seu ego. “Portanto, por trás desta afirmação está a intenção de preservar as almas de tais enganados, garantindo, assim, o encontro delas com a verdade, sua verdadeira origem”. (OLIVEIRA, 2013, p. 85).

O Summum Bonum

Agostinho descreve o *Summum Bonum* como algo que estava além da experiência do ser, que estaria fora do sentido do homem, ou seja, Deus, algo

desconhecido pela natureza do homem. Desse modo, o homem deve buscar compreender esse algo que está além de si mesmo, ele que é um ser mortal e mutável. “Por isso, torna-se, para ele, imprescindível questionar se o homem poderia, de fato, experimentar, nesta etapa da existência chamada vida, a posse da beata vita que é o próprio Deus” (SOUZA, 2016, P. 16). Como deve ser feita essa busca do *Summum Bonum*? Seria ela a própria felicidade?

Santo Agostinho acreditava que todos almejam a felicidade. Ele via a felicidade como uma finalidade alcançável, mas, ao mesmo tempo, se sentia compelido a admitir que, embora a desejasse, não a conhecia. Essa dualidade de desejar algo que não se conhece o levava a se perguntar, em meio a sua angustiante procura: onde estaria a vida feliz? É possível o homem chegar a ela? Essa busca incessante pela felicidade é algo que todos nós compartilhamos em algum momento da vida. Afinal, quem não deseja a felicidade? No entanto, Agostinho sabia que alcançar a felicidade não era uma tarefa fácil. É preciso conhecer a si mesmo, compreender seus desejos e anseios mais profundos, a fim de encontrar um caminho que leve à realização pessoal e emocional.

Por que essa busca com tanta vontade em algo que ainda não foi experimentado? De onde vem esse desejo? Será que em algum momento foi experimentada a vida feliz? Essas são as perguntas que o inquietam, pois ele não se contenta com uma definição teórica da felicidade, mas deseja vivenciá-la de forma prática. Não se busca apenas conhecer a vida feliz, mas deseja-se experimentá-la na existência. A sua busca não é apenas pelo conhecimento, mas pela experiência existencial.

O desejo do homem por algo ainda não experimentado pode ser atribuído à sua natureza inquieta e curiosa, bem como à sua busca pela realização e satisfação pessoal. Esse desejo é impulsionado pelo anseio de encontrar um sentido e propósito na vida, que muitas vezes são percebidos como ausentes. Quanto ao surgimento desse desejo, pode-se afirmar que ele é inerente à condição humana e é influenciado por diversos fatores, como a cultura, a educação, as experiências pessoais e seus sentidos.

Embora seja difícil afirmar se em algum momento a vida feliz foi experimentada, é possível que a busca pela felicidade não esteja ligada apenas a experiências vividas no passado, mas também à expectativa de um futuro melhor. Essa busca pode ser vista como uma forma de superar as limitações e

insatisfações presentes na vida atual e encontrar um estado de harmonia e plenitude.

Santo Agostinho defende que há no homem certa carga de informações que são depositadas por Deus e que são utilizadas apenas quando recordadas. Assim, haveria uma possibilidade de o conhecimento da vida feliz estar inserido nestas informações ainda não exteriorizadas, que, apesar de não lembradas, podem, pela sua latência, gerar o desejo por algo que a memória mantém em si, mas não desvenda (SOUZA, 2016, P. 18).

A investigação de Agostinho sobre a felicidade começa com a crença de que a felicidade é um conceito conhecido pelo homem. Ele argumenta que a busca pela felicidade é um traço comum a toda a humanidade. Isso leva Agostinho a crer que a felicidade é uma ideia inerente à natureza humana. Ele também acredita que a vida feliz é algo que pode ser lembrado, argumentando que Deus dotou o homem com uma memória capaz de registrar todas as experiências que viveu, incluindo a vida feliz. Nesse sentido, ele acredita que é possível reviver a felicidade por meio da recordação de experiências passadas.

Além disso, ele sugere que o homem pode ter experimentado a vida feliz em algum momento de sua existência. Para ele, a vida feliz é uma vida plena, em que a pessoa vive em harmonia consigo mesma e com os outros. Essa vida plena pode ser alcançada por meio da busca pela sabedoria e pela verdade, que leva à compreensão do mundo e de si mesmo.

É importante notar que, quando Agostinho fala sobre a existência de recordações da vida feliz na memória do homem, ele não está se referindo a experiências individuais, mas sim à vida feliz como uma experiência compartilhada. Isso significa que a felicidade não é algo que pode ser alcançado apenas de forma isolada, mas sim como parte de um todo maior. O estudo de Agostinho sobre a felicidade se baseia na crença de que esse conceito é inerente à natureza humana e de que é possível reviver a felicidade por meio da lembrança de experiências passadas. Ele também sugere que a busca pela sabedoria e pela verdade é a chave para alcançar a vida feliz, que é uma experiência compartilhada por todos os seres humanos.

Agostinho observa que o desejar a vida feliz é comum a todos, ele percebe, quase que num mesmo instante, que conquanto seja

objeto por todos desejada, a vida feliz toma contornos diferentes para cada um que a apetece. Visto que todos anseiam serem felizes, mas não aspiram a mesma forma de felicidade (SOUZA, 2016, P. 20).

A felicidade é algo que não pode ser categorizado como uma experiência universal. Cada pessoa a percebe de formas diferentes e com métodos únicos para alcançá-la. O que a vida feliz representa para uma pessoa pode ser completamente diferente do que representa para outra. Não há uma busca certa ou errada pela felicidade. Agostinho admite suas limitações nesta busca e busca por experiências que possam se assemelhar ao que é esperado da vida feliz para entender melhor a percepção das pessoas sobre ela.

Agostinho aborda um dos grandes dilemas na busca pela felicidade, que é a diferença de percepção sobre o que seria a vida feliz. Ele destaca que não existem características conceituais ou práticas que possam definir a felicidade de forma única e universal. Isso não se trata de simples relativismo, mas sim da ausência de um conhecimento que determine a forma constitutiva da vida feliz. Dessa forma, Agostinho aponta que a busca pela felicidade é um processo subjetivo, que pode variar de acordo com as experiências e vivências de cada indivíduo.

ou seja, enquanto não a encontrar face-a-face em uma experiência que o deixe em condições seguras de reconhecê-la. Com essa finalidade em mente, o Santo empenha-se numa acurada caminhada intelectual que, juntamente com a revelação divina²⁶, lhe proporciona a esperança de chegar ao almejado fim (SOUZA, 2016, P. 22).

O bispo acredita que a alegria é a única lembrança que se assemelha à felicidade, mas não entende a vida feliz como simplesmente prolongar a alegria. Ele reconhece que em suas próprias memórias existem alegrias que eram puras, mas que não poderiam, portanto, ser consideradas caminhos para a felicidade. “Para ele a vida feliz, quando referenciada pela alegria, é alegrar-se no próprio Deus, sem existir outra possibilidade. “Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira”. (SOUZA, 2016, P. 24).

O homem feliz

No segundo dia do diálogo sobre a vida feliz, a questão de quem possui a Deus é feliz é proposta. Esse questionamento já foi trabalhado um dia antes do próprio diálogo e foram dadas três respostas: a primeira, é feliz o homem que possui a Deus e vive bem, a segunda, que é o homem que faz aquilo que Deus quer, e a terceira, aquele que não tem seu espírito impuro. “Adeodato ainda esclarece que o não ter um espírito impuro significa viver castamente, ou seja, ter os olhos voltados para Deus e não se prender a nada além dele só” (SANTOS, 2016, p. 31). Desse modo, o homem deve ser casto e viver bem, as três argumentações acabam se completando tornando-se uma só.

Coloca-se a pergunta, Deus quer que o homem o procure? Seria possível um espírito impuro procurar a Deus? Para todos os presentes no diálogo narrado, isso não seria possível, mas como seria possível chegar a Deus sem antes conhecer ou saber algo sobre ele? Em vista disso, é demonstrado que nem todo homem que tem uma má vida é infeliz, essa problemática está inserida na vontade do homem e no desejo que ele carrega, sendo que, o mau uso da vontade o deixa longe de Deus, já o bom uso o aproxima de Deus.

No tópico anterior é trabalhado o conhecimento de Deus no livro *Solilóquios* e também no *Diálogo Sobre a Vida feliz*: é possível o conhecimento de Deus? Mesmo sendo o homem um ser mutável e passível de erros? Escreve Santos (2016, p. 33):

Deus, o sumo bem, o ser absoluto, confere existência às coisas por sua própria bondade. A criação participa deste bem, mas é composta de entes participantes. Todas as coisas criadas são boas e apontam para o criador, pois são sinais impressos do amor divino.

O homem tem uma alma racional que faz com que ele eleve sua existência acima dos demais seres, dos vegetais e dos animais, e se encontre abaixo de Deus e seus Anjos. O indivíduo tem uma participação na perfeição, algo que é maior que sua própria essência; entretanto, ele não tem em si toda a perfeição e sim de modo limitado, esta se dá pela graça divina que vem em seu auxílio.

Deus é descrito como um ser perfeito e absoluto e criador de todas as coisas do mundo, sendo assim, todas as coisas pertencem à perfeição divina, logo todas as coisas são boas, pois são criadas por um criador perfeito.

Deus é o ser absoluto. Todos os outros seres são relativos. Nem deixam totalmente de existir nem existem totalmente. Deus é imutável e todas as outras coisas são mutáveis; por isso, só Deus existe verdadeiramente. Se comparadas com Deus, as coisas não têm verdadeira existência. Elas existem por estarem vinculadas ontologicamente a Deus (SANTOS, 2016, p. 34)

Assim, aquele que busca a Deus está no meio do caminho e ainda não é feliz, ele percorre uma caminhada e não tem ainda em si a posse de Deus, Sabendo disso, o homem sempre busca algo, isso vem de sua natureza, e então se ele não tem ainda Deus em sua posse ele não é feliz. Infelizes são os homens que se afastam dessa busca e caem em vícios, fazendo um mau uso da vontade e se afastando da perfeição.

No terceiro dia de diálogo, é colocada a seguinte questão: a infelicidade seria aquela dos homens indigentes? Os homens que são infelizes estão sempre precisando de algo, carregam uma carência sem fim, e para saber o que seria a felicidade é necessário identificar o que seria a infelicidade. Haveria então um meio termo entre o indigente infeliz para o homem feliz? O exemplo de uma pessoa que perdeu sua vida é dado, seria possível uma pessoa morta estar meio morto e meio vivo? Não. Então é impossível ter alguém que seja meio feliz e meio infeliz, assim não existe um meio termo para a infelicidade e a felicidade.

O homem feliz está com sua alma feliz; ele é sábio, alguém que tem participação na sabedoria e na felicidade, que tem sua vontade voltada para coisas imutáveis e permanentes.

Assim, não se submete à contingência e necessidades meramente físicas, corpóreas. Não se deixa afetar pelas vicissitudes da vida. Sua vontade não se subordina às possíveis contrariedades existentes (SANTOS, 2016, p. 37).

Em vista disso, o infeliz seria aquele que não tem aquilo que busca? E aqueles que têm bens materiais e riquezas são felizes? Diretamente dessas afirmações, os dois são infelizes, pois aquele que tem uma quantidade de bens que pode se perder a qualquer momento e são passíveis de mudança é infeliz, já aquele que não tem o que tanto deseja também é infeliz, pois vive em busca de suprir sua carência e quando consegue algo, trata-se de algo mutável.

Há aqueles que não têm uma carência mas são infelizes, ou seja, aqueles aos quais falta a sabedoria, o meio para se chegar à felicidade. Desse modo, a ignorância é a causa pela qual esse homem não consegue chegar à felicidade; o homem indigente é, portanto, aquele que carece de conhecimento.

O contrário da indigência é a plenitude, que é a própria felicidade. A infelicidade do homem indigente, como já descrito, é a falta de conhecimento e sabedoria; já o homem que é conduzido pela plenitude não tem tudo que quer, porém, tudo o que ele tem, ele o tem de maneira calculada à medida de suas necessidades; tudo aquilo de que precisa e nada a mais sem excessos.

Então onde estaria a plenitude? Ela se encontra na temperança e na moderação: “Vemos aqui que a sabedoria é a medida da alma, e para a felicidade esta medida é necessária enquanto plenitude para se evitar os excessos que causam justamente o oposto, a infelicidade” (SANTOS, 2016, p. 40). A plenitude não é encontrada nos bens materiais; ela está no interior do homem, em sua alma, a qual é alimentada pela ciência que é a moderação do espírito, o equilíbrio da alma. Portanto, ele é um homem moderado e tem seus sentidos temperados, tem sua ação sem excessos e carências da carne, uma vida direcionada a um único caminho que é a verdadeira felicidade acompanhada da sabedoria.

Sabemos que para a pessoa ser feliz ela precisa ser sábia como já foi argumentado, mas onde está essa sabedoria? Ela está em Deus. A verdade se encontra em Jesus Cristo, filho de Deus, o único caminho que garante a verdadeira felicidade. A verdadeira felicidade se dá pela junção de três fatores: a comunhão com o pai, que acontece pela sabedoria divina; a comunhão com Seu filho, e pela ação do Espírito Santo. Por meio dessas três virtudes, entendemos que a crença é a certeza daquilo que não se vê, mesmo que não seja evidente à razão. Na vida eterna, quando contemplarmos a Deus face a face, a fé não será mais necessária.

O único obstáculo que pode surgir nesta harmônica relação, decorre do amor próprio presente no homem, que o impulsiona contrariamente ao universal, devido à concupiscência, para querer aquilo que lhe é agradável e benéfico, sendo este as coisas particulares”. (SANTOS, 2016, p. 44)

Agostinho encerra a conversa agradecendo a seus convidados e louvando a Deus pela oportunidade, despertando alegria e gratidão nos presentes com um final de conteúdo teológico.

CONCLUSÃO

Sabendo que em um indivíduo há vida, conclui-se que o indivíduo tem um corpo vivo. Para isso, todos os demais que estavam presentes no momento do diálogo concordaram que o homem tem um corpo e, por fim, que também tem uma alma. São duas substâncias, uma exterior e outra interior, que consistem na alma e no corpo. Para o africano, a alma tem uma superioridade sobre o corpo, sendo que o corpo é um dos sentidos para conhecer o mundo ele é algo passivo utilizado pela alma como um veículo para as realizações de sensações. Já a alma é algo ativo que se utiliza dos movimentos do corpo para adquirir sabedoria. Depois de tais argumentações, Agostinho conclui o assunto.

Em "Diálogo sobre a Felicidade", Santo Agostinho apresenta uma reflexão profunda sobre o conceito de felicidade e sua relação com a virtude, a verdade e a espiritualidade. Ao longo do diálogo entre os personagens, Agostinho expõe sua visão de que a verdadeira felicidade não pode ser encontrada nas coisas materiais ou prazeres passageiros, mas sim na busca pela essência divina e na busca de um relacionamento com Deus.

Ele destaca que a felicidade é um anseio intrínseco à natureza humana e que seu alcance está enraizado no conhecimento de si mesmo e no auto-aperfeiçoamento moral. Ele argumenta que somente através da busca da verdade e da virtude, é possível encontrar a felicidade duradoura. Além disso, Agostinho enfatiza a importância da fé e da conexão espiritual com Deus como elementos essenciais na busca de uma vida feliz e significativa.

Ao longo do texto, Agostinho também traz à tona debates filosóficos e questionamentos sobre as diferentes filosofias e ideias da época. Ele critica pontos de vista que buscam a felicidade apenas nos prazeres mundanos, no poder ou na fama, argumentando que essas conquistas são passageiras e incapazes de preencher a necessidade essencial do ser humano de encontrar a verdadeira satisfação.

A conclusão principal do "Diálogo sobre a Felicidade" é que a verdadeira felicidade está intrinsecamente ligada ao encontro com Deus e à busca de uma conexão espiritual profunda. Agostinho argumenta que a felicidade não é um destino final a ser alcançado, mas sim uma jornada contínua de

autoconhecimento, aperfeiçoamento moral e comunhão com o Divino. Ao buscar a verdade e a virtude, e ao nutrir um relacionamento íntimo com Deus, o ser humano pode encontrar a verdadeira realização e plenitude.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Diálogo Sobre a Felicidade**. Tradução do Original Latino, Introdução e Notas Mário A. Santiago de AGOSTINHO. Lisboa: Edições 70, 1988;

AGOSTINHO, Santo. **Sobre a vida feliz**. Tradução de Enio Paulo AGOSTINHO. Vozes de Bolso;

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios; A vida feliz**. 3. ed. Trad., introd. e notas de Aduary Fiorotti, Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. Rev. de H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2007.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. A relação corpo-alma no homem, segundo Santo Agostinho: dualismo ou unidade substancial? Universidade Federal de Pernambuco, 2018;

SANTOS, Danilo Nobre dos. A Felicidade e Sua Busca. Marília, 2016;

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. Vida Feliz na Filosofia de Santo Agostinho. JOÃO PESSOA. 2006.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade. RECIFE, 2013.

STREFLING, Sérgio Ricardo. Os Sete Graus de Atividade da Alma Humana de Quantitate Animae de Santo Agostinho, Marília, 2014.

PLANO DE CURSO

INTRODUÇÃO

O presente plano de curso para Filosofia no Ensino Médio busca expandir o conhecimento em filosofia medieval em Agostinho de Hipona. Pelo trabalho de conclusão de curso, buscarei apresentar, Agostinho no Diálogo Sobre a Felicidade e seus problemas nele inserido como; corpo, alma, Deus, felicidade entre outros. O plano de curso foi direcionado para o 1º ano do Ensino Médio.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Este plano de curso visa apresentar a filosofia medieval e sua concepção sobre felicidade, iniciando pelos pensamentos da filosofia antiga seguindo em direção até Agostinho.

No primeiro bimestre será abordada a filosofia antiga com os pensamentos de Platão e Aristóteles (leituras e dissertações).

No segundo bimestre introdução a vida de Agostinho e a obra Diálogo sobre a Vida Feliz, trabalhando o primeiro e segundo dia de diálogo.

No terceiro bimestre será trabalho o terceiro e quarto dia do diálogo até sua conclusão.

No quarto bimestre buscaremos distinguir os três pensadores de Agostinho e a importância dos escritos agostinianos para a história da filosofia.

METODOLOGIA

Usarei recursos alternativos como os livros bases, leituras de textos filosóficos acerca do assunto proposto, dissertações e aulas expositivas.

Em cada bimestre vão ser avaliados com cinco tipos de avaliações, a primeira uma prova individual no valor de vinte e cinco por cento, no segundo bimestre trabalho em grupo no valor de vinte e cinco por cento, terceira avaliação prova individual no valor de quinze por cento, quarta avaliação prova em dupla no valor de vinte e cinco por cento e quinta avaliação participação no valor de dez por cento.

Ocorreram oito aulas por bimestre, sendo que, a disciplina de filosofia possui uma aula semanal. Ao todo serão trinta e duas aulas de filosofia no ano letivo.

ROTEIRO DE AULAS

AULA 1
TEMA: Introdução à filosofia Grego-Romana
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidades de ideias
ASSUNTO: Diferença de Pensamentos
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar os pensamentos da filosofia antiga Apresentar os filósofos Platão e Aristóteles
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Qual era a grande preocupação Socrática? Quais são os quatro períodos da Filosofia Grega?
AValiação: Produção de Texto, dissertativa.

AULA: 2
TEMA: Introdução ao Pensamento Platônico
TÓPICO/CONTEÚDO: Ideias de Platão
ASSUNTO: A felicidade no pensamento de Platão
HABILIDADES/OBJETIVOS:

O mundo das ideias e o mundo da matéria
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Diferença entre o mundo das ideias e o mundo da matéria em relação a felicidade. Escreva sobre a felicidade no pensamento Platônico.
AValiação: Produção de Texto, dissertativa.

ROTEIRO DE AULA
AULA 3
TEMA: Introdução aos pensamentos Aristotélicos
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidades de ideias.
ASSUNTO: A felicidade em Aristóteles
HABILIDADES/OBJETIVOS: Conseguir definir a felicidade no pensamento Aristotélico
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que é felicidade para Aristóteles?
AValiação: Produção de Texto, dissertativa.

AULA 4
TEMA: Conclusão sobre a felicidade em Platão e Aristóteles
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidades de ideias

ASSUNTO: Diferença de Pensamentos
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar a diferença do pensamento de Platão e Aristóteles sobre a felicidade
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Demostre o ponto central sobre a felicidade no pensamento de cada autor (Platão e Aristóteles) e descreva suas diferenças.
AValiação: Prova dissertativa individual.

AULA 5
TEMA: Introdução à filosofia Medieval
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidades de ideias e pensamentos
ASSUNTO: Demonstração de autores
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar os pensamentos da filosofia Medieval
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Entender o objetivo da filosofia medieval
AValiação: Trabalho em grupo sobre a filosofia medieval e seus principais filósofos.

AULA 6
TEMA: Apresentações do trabalho, introdução ao pensamento de Agostinho
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidades de ideias
ASSUNTO: Quem foi Agostinho
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar a vida e os pensamentos de Agostinho
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Quem foi Agostinho de Hipona?
AValiação: Apresentação dos trabalhos feitos em grupos.

AULA 7
TEMA: A Ética Agostiniana
TÓPICO/CONTEÚDO: Como que demonstra a ideia da Ética em Agostinho
ASSUNTO: Argumentações de Agostinho no pensamento sobre Ética
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar os pensamentos de Agostinho sobre sua Ética e sua importância no problema sobre a felicidade

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que é a Ética de Agostinho?
AVALIAÇÃO: Participação

AULA 8
TEMA: Texto ‘Sobre a Vida Feliz’
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O método racional
HABILIDADES/OBJETIVOS: Ler os primeiros parágrafos Compreensão sobre o método racional
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Descrever o método racional.
AVALIAÇÃO: Leitura do texto.

AULA 9
TEMA: Texto ‘Sobre a Vida Feliz’
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O homem lançado ao mundo
HABILIDADES/OBJETIVOS:

Entender a relação do homem lançado ao mundo com o método racional
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Como o homem é lançado ao mundo? Qual a relação do método racional com esse homem que é lançado ao mundo?
AValiação: Produção de Texto, dissertativa.

AULA 10
TEMA: Texto 'Sobre a Vida Feliz'
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Os três navegantes
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender a diferença dos três navegantes
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Descreva os três navegantes. Qual a diferença dos três navegantes?
AValiação: Produção de Texto, dissertativa.

AULA 11
TEMA: Primeiro dia do diálogo
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO:

Argumentações de Agostinho
HABILIDADES/OBJETIVOS: Descrever o corpo e a alma
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O homem é constituído por um corpo e uma alma? Qual a diferença do corpo e da alma.
AValiação: Participação.

AULA 12
TEMA: Primeiro dia do diálogo
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Os alimentos do corpo e da alma
HABILIDADES/OBJETIVOS: Descrever o alimento do corpo Descrever o alimento da alma.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Qual o alimento do corpo e da alma? Descreva sua diferença.
AValiação: Participação.

AULA 13
TEMA: Primeiro dia do diálogo

TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Os alimentos do corpo e da alma
HABILIDADES/OBJETIVOS: Descrever o alimento do corpo Descrever o alimento da alma
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Qual o alimento do corpo e da alma? Descreva sua diferença.
AValiação: Participação.

AULA 14
TEMA: Todos querem ser felizes?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto.
ASSUNTO: Início do problema da felicidade em Agostinho
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender a questão inicial sobre a felicidade
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Descreva como Agostinho responde a pergunta: Todos querem ser felizes?
AValiação: Participação.

AULA 15
TEMA: O homem feliz tem aquilo que quer?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O que o homem deve buscar para ser feliz
HABILIDADES/OBJETIVOS: Descrever a busca do homem Entender o que o homem deve buscar
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O homem para ser feliz é preciso ter aquilo que ele quer?
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 16
TEMA: O que são coisas mutáveis e coisas imutáveis
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: As coisas permanentes e imutáveis As coisas imutáveis
HABILIDADES/OBJETIVOS: Demonstrar a diferença entre as coisas Chegar ao entendimento da matéria mutável e das coisas imutáveis
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Descreva a diferenças entre as coisas mutáveis e imutáveis?
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 17
TEMA: Deus é um ser eterno
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Deus um ser eterno e imutável
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender os argumentos a cerca de Deus como um ser eterno
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Explique porque Deus é um ser eterno.
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 18
TEMA: Critica aos acadêmicos
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Critica de Agostinho aos acadêmicos
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender a critica de Agostinho aos acadêmicos
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Qual critica de Agostinho contra os acadêmicos?
AVALIAÇÃO: Participação.

--

AULA 19
TEMA: Segundo dia do Diálogo
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Introdução ao segundo dia do Diálogo, revisão do primeiro dia do diálogo
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender qual indivíduo pode possuir a Deus
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Disserte sobre: Somos constituídos de um corpo e uma alma? Descreva sobre a alma, sabedoria e a vida feliz. Qual é a crítica aos acadêmicos?
AValiação: Prova dissertativa individual

AULA 20
TEMA: Deus quer que o homem o procure?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: A procura de Deus ao homem
HABILIDADES/OBJETIVOS: Como é a relação de Deus com o homem

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Explique a relação de Deus com o homem.
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 21
TEMA: Qual homem que vive bem?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Exemplos de homens que vivem bem
HABILIDADES/OBJETIVOS: A importância de Deus na vida do homem que vive bem
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Como saber se o homem vive bem?
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 22
TEMA: Terceiro dia de Diálogo
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O problema da infelicidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Descrever o homem infeliz

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: De exemplos do homem infeliz.
AValiação: Participação.

AULA 23
TEMA: O homem indigente
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O homem indigente
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender como esse homem indigente é infeliz.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Roda de conversa.
AValiação: Participação.
AULA 24
TEMA: o que é plenitude?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: A plenitude no caminho da felicidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: A relação da plenitude com o homem e a felicidade

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Explique a relação da plenitude no caminho até a felicidade.
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 25
TEMA: O homem Pleno
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O homem dotado de plenitude
HABILIDADES/OBJETIVOS: O homem pleno no caminho da felicidade
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Descreva o homem pleno.
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 26
TEMA: Há algum indivíduo que esteja no meio entre o feliz e o infeliz?
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O homem no meio entre a felicidade e a infelicidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Diferença do homem feliz e o infeliz

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Roda de conversa
AVALIAÇÃO: Participação.
ROTEIRO DE AULA
AULA 27
TEMA: Plenitude, indignância e a felicidade
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: Conclusão sobre os três assuntos
HABILIDADES/OBJETIVOS: Preparar para a prova
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Revisão para prova
AVALIAÇÃO: Participação.

AULA 28
TEMA: A verdade está em Deus que é a própria felicidade
TÓPICO/CONTEÚDO: leitura do texto
ASSUNTO: O homem feliz é aquele que possui a Deus
HABILIDADES/OBJETIVOS: Concluir o diálogo sobre a felicidade
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: De exemplos do homem indigente e o homem pleno. Como que o homem pode possuir a Deus para chegar a felicidade?
AVALIAÇÃO: Prova em dupla

AULA 29
TEMA: Apresentação de três autores com pensamentos diferentes sobre o Diálogo Sobre a Felicidade. O primeiro Danilo Santos Nobre, o segundo Janduí Oliveira Evangelista e o terceiro Josemar Jeremias Bandeira de Souza.
TÓPICO/CONTEÚDO: introdução aos argumentos
ASSUNTO: Apresentação dos três autores
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender a diferença de pensamentos.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Roda de conversa.
AValiação: Participação.

AULA 30
TEMA: A verdade e a felicidade em Oliveira
TÓPICO/CONTEÚDO: Leitura dos argumentos
ASSUNTO: Apresentação das argumentações
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender como Oliveira trabalha esse problema
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que é a verdade e a felicidade para Oliveira?
AValiação: Participação.

AULA 31
TEMA: O Summum Bonum em Jeremias
TÓPICO/CONTEÚDO: Leitura dos argumentos
ASSUNTO: Apresentação do que seria o Summum Bonum
HABILIDADES/OBJETIVOS: Compressão do Summum Bonum para o caminho da felicidade.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Explique: o que é Summum Bonum.
AValiação: Participação.

AULA 32
TEMA: O homem feliz em Santos
TÓPICO/CONTEÚDO: Leitura dos argumentos
ASSUNTO: Quem é o homem feliz?
HABILIDADES/OBJETIVOS: Entender pelos argumentos quem se demonstra como homem feliz
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Quem é o homem feliz para Santos?
AValiação: Trabalho final. Cartaz sobre a diferença de pensamentos dos três autores.